

Enough Already! A Socialist Feminist Response to the Re-emergence of Right Wing Populism and Fascism in Media, de Faith Agostinone-Wilson. Leiden: Brill Sense, 2020, 223 pp.

 Inês Amaral

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra, Portugal
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
ines.amaral@uc.pt

A obra *Enough Already! A Socialist Feminist Response to the Re-emergence of Right Wing Populism and Fascism in Media* propõe uma análise à mediatização da (re) emergência dos movimentos fascistas e populistas de extrema-direita a partir de uma abordagem feminista socialista e marxista. Assumindo que o livro não se configura como uma leitura otimista, a sua autora, Faith Agostinone-Wilson, defende a necessidade de “acordar” a esquerda a partir de uma leitura da paisagem mediática e de um posicionamento crítico cultural ancorado ao feminismo socialista para confrontar o fascismo e o populismo autoritário com os grupos e as ideologias que os sustentam. A autora questiona os motivos por trás do rápido aumento do populismo autoritário e do fascismo do homem forte, não apenas nos Estados Unidos, mas globalmente. Agostinone-Wilson procura abordar o que leva esses movimentos a incorporarem sempre a misoginia como parte das suas ideologias. Neste sentido, e criticando o que considera perspectivas ingénuas, a autora sublinha que estes questionamentos significam não hesitar em criticar a classe trabalhadora branca sempre que necessário.

O livro propõe explorar a reafirmação dos movimentos populistas e fascistas de direita divulgados pelos *media*, considerando em particular o aumento dos ataques a imigrantes, mulheres, minorias, pessoas LGBTQ, assim como a eleição de

políticos que apoiam abertamente discursos autoritários e populistas. Faith Agostinone-Wilson sustenta que a gênese destes discursos está inscrita nas leis e políticas e que, apesar da situação limite, a esquerda não tem sido capaz de responder a estes ataques à sociedade por insistir numa ideia de liberdade de expressão baseada na perspetiva de “ouvir os dois lados”. A partir desta leitura da era contemporânea, a autora sustenta que a resistência à ascensão de movimentos de direita implica uma análise feminista socialista marxista da sociedade como forma de demonstrar como o racismo, o sexismo e a homofobia são canais para o capitalismo.

A obra defende que os *media*, de forma intencional ou não, colaboram na propagação do populismo autoritário e do fascismo. Segundo a autora, esta situação deve-se essencialmente à mudança de paradigma do jornalismo tradicional para a distribuição *online* de informações. Logo, a proposta do livro é investigar criticamente a forma como os *media* estão a ampliar os limites da legitimidade de ações de populistas de direita e fascistas.

O primeiro capítulo intitula-se “On the Relevance and Necessity of Socialist Feminism” (“Sobre a relevância e necessidade do feminismo socialista”) e centra-se nas múltiplas definições e formas de feminismo. A partir de um enquadramento de feminismo liberal, teorizações pós-modernas, formas conservadoras e alternativas socialistas, a autora aborda as fontes de opressão que dão origem às várias concepções de feminismo. Assumindo como cenário a eleição de Donald Trump e a sua retórica misógina, sexista, racista e xenófoba, o capítulo sustenta que só uma dupla abordagem marxista e feminista pode permitir compreender as lutas das mulheres e as dificuldades que enfrentam – violação e assédio, violência doméstica, questões laborais, duplos padrões de representação mediática e objetificação nos *media*. A autora argumenta ainda que o feminismo socialista é também oprimido por homens de esquerda, referindo-se ao termo “brocialist” para enquadrar uma ideologia que tem particular eco nos *media* sociais. Elencando exemplos concretos, como o caso de Hillary Clinton e Julian Assange, Faith Agostinone-Wilson advoga a necessidade de um feminismo militante, uno e global da classe trabalhadora.

A obra prossegue com uma análise dos movimentos populistas autoritários e fascistas, identificando características comuns como ideologia conservadora, reforço do capitalismo, racionalização da violência, rejeição do liberalismo, culto da masculinidade hegemónica e corrupção desmedida. Estas particularidades interagem entre si promovendo, por exemplo, a ideologia do mercado livre e sociedades racistas e misóginas. No decorrer do capítulo, a autora sustenta que às características comuns se somam diferenças relevantes, sublinhando que o populismo autoritário se afasta do fascismo na vertente da força e do controlo, assim como as ambições de conquistas territoriais. Considerando o contexto contemporâneo, Agostinone-Wilson sustenta que as respostas liberais de esquerda têm sido insuficientes para dar resposta aos avanços da extrema-direita por todo o mundo,

exemplificando com o Brexit e a ascensão de partidos de índole fascista na Europa. Na perspetiva da autora, é urgente enfrentar as coligações do centro com a extrema-direita nas múltiplas esferas.

O terceiro capítulo centra-se na classe trabalhadora e procura “ir além da construção do trabalhador industrial masculino branco como marcador de autenticidade”¹ (p. 61). As representações mediáticas de pequenas cidades industriais e rurais apresentam o racismo e o sexismo como consequências da vulnerabilidade económica e da insegurança. A autora sustenta que enquanto perdurarem estas representações erróneas da classe trabalhadora não será possível promover uma mobilização em massa, considerando que o capitalismo se intersecta com o sexismo, racismo, homofobia e xenofobia. Defendendo que a persistência da ideia do homem branco como marca da autenticidade da classe trabalhadora é uma consequência dos efeitos do neoliberalismo, Agostinone-Wilson explica que as contradições advêm da ideia de construir o capitalismo através do género e da raça, abrindo caminho para uma leitura enviesada da sociedade que se perpetua através de uma abordagem homogénea de uma classe trabalhadora que é, pelo contrário, diversa. A valorização e visibilidade do homem branco como trabalhador resulta na invisibilidade da verdadeira diversidade da classe trabalhadora, causando divisões e falta de solidariedade.

O capítulo que se segue dá continuidade ao anterior e aborda estas problemáticas associadas à campanha presidencial de Bernie Sanders em 2016, incluindo tendências destrutivas à esquerda que acabaram por alimentar a extrema-direita. A autora destaca o facto de a campanha de Sanders reunir consenso junto dos/as mais jovens, convencionalmente desinteressados/as da política. No entanto, a oportunidade foi perdida naquilo que a autora apelida de “estridência sem substância”² (p. 95) nos *media* sociais que se pode resumir a um discurso paternalista, sobretudo considerando raça, género e classe. A ideia de que a revolução pode ser em si catalisadora ignora os grupos mais vulneráveis da sociedade que não têm recursos para se defenderem das políticas agressivas da direita. Apesar de Sanders ter trazido para o debate público conceitos socialistas prementes à democracia, a sua campanha e os seus apoiantes mostraram relutância e até uma certa hostilidade em abordar questões relacionadas com as mulheres e minorias. Perdurou a ideia de que os assuntos económicos têm género masculino e são brancos. Neste sentido, Agostinone-Wilson argumenta que a campanha de Sanders foi uma oportunidade perdida de mostrar tolerância zero ao racismo e à misoginia, sustentando a ambiguidade da classe trabalhadora nestas questões.

O quinto capítulo dá o mote para discutir como o sexismo e o racismo *online* abrem portas e possibilitam o discurso do *e-libertarianism* (p. 113). A autora des-

¹ No original, “Moving beyond the construction of the white male industrial worker as a marker of authenticity”.

² No original, “Stridency without substance”.

constrói o argumento da Internet como espaço de igualdade e promotor de progresso e democracia, demonstrando que a neutralidade não existe nos espaços digitais que se assumem como um *continuum* de violência contra mulheres e minorias. Aludindo ao discurso conservador nos *media* sociais, Agostinone-Wilson mostra como a Internet é um poderoso fórum para cultivar valores de extrema-direita tradicionalistas e retrógrados, alinhados com uma retórica racista, sexista, homofóbica e violenta. A autora sustenta que o “e-libertarianismo” é uma extensão digital do discurso liberal tradicional que assenta na ideia da neutralidade da Internet e é contra qualquer tipo de regulação. Sob a falácia de que a Internet não é real, a violência e os comportamentos tóxicos são considerados o preço a pagar por um espaço livre de regras, cultivando a *persona* do *troll* como forma de contracultura numa prática discursiva de transgressão do politicamente correto. Estes espaços dão palco à organização de coletivos como *Alt-Right* ou a *manosfera*, centrados na ideia de que existem dois lados que devem ser ouvidos, como se se tratasse de liberdade de expressão e não de discurso de ódio e violência contra grupos vulneráveis. A autora defende que é necessário combater legalmente estes espaços e promover a literacia digital para que as pessoas conheçam as plataformas e as suas formas de financiamento.

O ataque de Donald Trump aos direitos reprodutivos nas primárias do Partido Republicano é o mote para um capítulo em que a autora dissecar os significados sociais e as funções de apresentar o aborto pela lente anti-escolha e pró-vida. Demonstrando como o aborto está fora da convencional esfera dos direitos civis, a autora argumenta que a sociedade – incluindo a esquerda – vê as questões dos direitos reprodutivos como desligadas da vida quotidiana da classe trabalhadora porque é um “assunto de mulheres” (p. 150). Após apresentar a trajetória histórica da legislação sobre o aborto nos Estados Unidos da América, Agostinone-Wilson defende que a perspetiva do feto como personalidade jurídica é uma ideologia com um poder discursivo muito forte que objetifica a mulher e promove a vigilância. Nesta lógica, a autora defende a militância como forma de reagir ao feroz ataque aos direitos reprodutivos das mulheres, ao invés de um compromisso numa era em que o autoritarismo e o populismo se intersectam com a religião e os discursos demagógicos dos movimentos pró-vida.

O último capítulo centra-se na ideia da rapidez da Internet e das bolhas de verdades únicas e coletivas que os algoritmos promovem. É nesta lógica que a autora defende que se cria o *anti-intellectualism* (p. 175), por oposição aos factos alternativos que são disseminados pelas plataformas digitais. De acordo com Faith Agostinone-Wilson, se o “anti-intelectualismo” é habitualmente uma arma de arremesso da direita, o ódio por especialistas e pela ciência sustenta-se no obscurantismo para tornar válidos argumentos de “pseudociência” (p. 179) ligados a ideais de supremacia branca. É nesta mesma lógica que as notícias falsas alcançam agora públicos muito mais vastos, para quem a verdade está num ecrã e não é questionável. Beneficiando da iliteracia mediática e de uma perspetiva demagó-


gica promovida nos *media* sociais com o argumento de “ouvir os dois lados”, a extrema-direita propaga sistematicamente mentiras que são assumidas como verdade por milhões de pessoas. Estas mentiras têm a capacidade de interferir diretamente com a vida pública e política das sociedades e permitem a propagação de teorias da conspiração. A falta de pensamento crítico leva ao nacionalismo extremo, como no caso do Brasil de Jair Bolsonaro. A autora sustenta que tempos de mudança são particularmente benéficos a “charlatões” (p. 201), sublinhando que notícias falsas e teorias da conspiração fornecem narrativas convenientes para reforçar crenças políticas, mas também ideias do senso comum.

O livro *Enough Already! A Socialist Feminist Response to the Re-emergence of Right Wing Populism and Fascism in Media* foi escrito durante a presidência de Donald Trump e no início da campanha eleitoral de 2020. O pessimismo anunciado na introdução é explicado numa obra lúcida e clara sobre a forma como o populismo, o autoritarismo e o fascismo estão cada vez mais latentes numa era em que a informação tem uma velocidade sem precedentes. No entanto, como bem sublinha a autora, na era do digital as promessas de uma rede neutra promotora da igualdade esvaneceram-se em pós-verdades e factos alternativos criados e aproveitados por retóricas misóginas, racistas e xenófobas que se multiplicam.

Referências bibliográficas

Agostinone-Wilson, Faith. 2020. *Enough Already! A Socialist Feminist Response to the Re-emergence of Right Wing Populism and Fascism in Media*. Leiden: Brill Sense.

***In Plain Sight. Sexual Violence in Armed Conflicts*, organizado por Gaby Zipfel, Regina Mühlhäuser e Kirsten Campbell. New Delhi: Zubaan Academic, 2019, 472 p.**

 António Sousa Ribeiro
Faculdade de Letras e Centro de Estudos Sociais
da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
asr@ces.uc.pt

O volume em apreço, de que saiu, entretanto, também uma versão alemã (*Vor aller Augen. Sexuelle Gewalt in bewaffneten Konflikten*. Hamburg: Hamburger Edition, 2021), representa a súmula de vários anos de trabalho do grupo SVAC – *Sexual Violence in Armed Conflict* (www.warandgender.net). O local de nascimento deste